

Adaptação semântica da self-hate scale: evidências de validade de conteúdo no contexto brasileiro

Semantic adaptation of the self-hate scale: evidence of content validity in the Brazilian context

Washington Allysson Dantas Silva^{1,2}

Ana Carla Bezerra de Lima³

Paloma Alencar de Almeida³

Yuri de Souto Pereira³

José Enio dos Santos Sena³

Antônio Carlos Mamede de Souza³

Ludmilly de Sousa Carneiro³

Isly Pinheiro Suassuna³

Lívia Maria Azevedo Leite³

Israely Ferreira Felipe do Bonfim³

Mychaell Douglas de França Sousa³

RESUMO: A autoavaliação disfuncional do self é denominado internacionalmente como self-hate (i.e., auto-ódio). A literatura aponta que essa autodepreciação pode acarretar diferentes problemáticas, a exemplo do aumento de sintomas psicopatológicos, como ideação suicida e depressão. Nesse sentido, nos questionamos sobre como avaliar de forma válida e precisa os níveis de autodepreciação (*self-hate*) de amostras da população geral brasileira. Para responder essa pergunta de pesquisa, buscamos validar semanticamente a *Self-Hate Scale* para o contexto brasileiro com o objetivo de levantar evidências iniciais de validade de construto da medida no contexto brasileiro. Para isso, realizamos um programa de pesquisa composto por três etapas, tradução, análise de juízes e retrotradução. A partir dessas análises, verificamos que os itens adaptados propostos para a versão brasileira da medida apresentaram evidências iniciais de validade de conteúdo, apresentando acurácia teórica em termos de pertinência, relevância, clareza e similaridade no que diz respeito à cobertura do traço latente. Ao final, tomando como base os resultados encontrados, discutimos os achados à luz da psicometria, levantando possibilidades de construção de novos estudos empíricos.

Palavras-chave: Auto-ódio. Medidas psicológicas. Ideação Suicida.

ABSTRACT: A dysfunctional self-assessment of one's self is internationally referred to as self-hate. The literature points out that this self-loathing can cause various problems, such as the increase of psychopathological symptoms like suicidal thoughts and depression. In this sense, we ask ourselves how we can validly and accurately assess the level of self-hate in samples of the general Brazilian population. To answer this research question, we sought to semantically validate the Self-Hate Scale for the Brazilian context in order to obtain preliminary evidence of the construct validity of the measure in the Brazilian context. To this end, we carried out a research program consisting of three steps: translation, analysis of the judges, and back-translation. Based on these analyzes, we found that the adapted items proposed for the Brazilian version of the measure provided initial evidence of content validity, showing theoretical accuracy in terms of relevance, pertinence, clarity, and similarity in terms of coverage of the latent trait. Finally, based on the results found, we discuss the findings in the light of psychometrics, opening up possibilities for the design of new empirical studies..

Keywords: Self-Hate. Measures. Suicidality.

¹ Psicólogo (UFPB, 2019), mestre (UFPB, 2021) e doutorando em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Patos/UNIFIP. E-mail: psiallysson@gmail.com. ¹ Orientador. ¹ Graduanda(o) em Psicologia (UNIFIP).

INTRODUÇÃO

Self-hate (auto-ódio) é um termo cunhado na psicologia para representar a autoavaliação disfuncional e destrutiva duradoura, caracterizada por atribuições de coisas indesejáveis e qualidades defeituosas e falha em atender aos padrões e valores percebidos, levando a sentimentos de inadequação, incompetência e levando a sentimentos de inadequação, incompetência e inutilidade (TURNELL ET AL., 2018; NAPPA et al. 2022).

Partindo desta concepção, Turnell et al. (2018) desenvolveram a *Self-Hate Scale*, um instrumento psicométrico baseado na Teoria Interpessoal-Psicológica do Suicídio (IPTS) (JOINER, 2005) que avalia o comportamento suicida num contexto de fatores de risco observados previamente. Para a teoria, o desejo suicida é motivado primariamente por dois fatores: a frustração de um senso de pertencimento e a autopercepção enquanto um fardo para os outros. A escala é composta por 7 itens distribuídos de forma unifatorial e mensura o self-hate, entendido enquanto uma noção saliente do fator de autopercepção enquanto fardo.

Estudos recentes têm demonstrado que o *self-hate* esteve fortemente associado com maiores níveis de internalização do preconceito em pessoas não-heterossexuais. Além disso, tem sido observado que essa variável, juntamente com os diferentes estressores vivenciados pelas minorias sociais, tem apresentado impactos negativos na saúde mental de grupos minoritários. De modo geral, os estudos apontam que o *self-hate* acarreta em maiores índices de ansiedade, estresse, depressão e ideação suicida, bem como a maiores frequências de exposição a comportamentos de riscos por parte de grupos minoritários (BARCACCIA et al. 2022; KOTERA et al. 2022).

Dada toda essa problemática frente a esse grupo, entende-se como relevante discussões sobre os significados quando buscamos compreender não apenas os significados que as pessoas atribuem a temática do *self-hate*, mas também como os sujeitos atribuem sentidos e como essa problemática repercute em suas vivências.

Nessa direção, questiona-se sobre como avaliar de forma válida e precisa os níveis de autodepreciação (*self-hate*) de amostras da população geral brasileira. Para tentar responder a essa problemática, buscamos o desenvolvimento da atual pesquisa que tem por objetivo adaptar semanticamente a versão reduzida da *Self-Hate Scale* para o contexto brasileiro (TURNELL et al., 2019), com vistas a levantar evidências iniciais de validade de construto da medida no contexto brasileiro.

MATERIAL E MÉTODOS

Adaptação dos itens

Iniciamos o processo de adaptação da Self-Hate Scale (SHS) para o contexto brasileiro convidando dois pesquisadores bilíngues para traduzirem os itens. Esses pesquisadores tinham expertise tanto com relação aos aspectos psicométricos como semânticos do processo de adaptação de instrumentos psicológicos. Os dois pesquisadores forneceram versões similares dos itens adaptados da SHS. Após a entrega das versões, realizamos a síntese das versões, de modo a chegar em uma versão final dos itens adaptados para o contexto brasileiro.

Análise de Juízes

Após a etapa 1, submetemos a SHS para a avaliação de juízes (etapa 2). Objetivamos com esse processo levantar evidências iniciais de validade de conteúdo dos itens da SHS adaptados para o contexto brasileiro.

Participantes

Submetemos os sete itens da SHS adaptados para o contexto brasileiro à avaliação de quatro avaliadores-especialistas (também chamado de juízes). Os avaliadores foram três mulheres e um homem, com idades entre 26 e 39 anos ($M = 30,5$; $DP = 5,80$), com tempo médio de atuação na Psicologia de 7 anos ($DP = 7,39$), com nível de titulação de mestrado ($n = 3$) e doutorado ($n = 1$). Todos os juízes possuíam experiência com avaliação psicológica, mais precisamente com construção e adaptação de instrumentos psicológicos, assim como possuíam afinidade com o construto estudado (i.e., auto-ódio).

Instrumentos

Os juízes receberam a versão inicial adaptada da SHS (obtida na etapa 1) organizada em uma tabela contendo a definição operacional de auto-ódio, os itens adaptados para o contexto brasileiro, e os espaços para avaliarem a pertinência, clareza, relevância e similaridade dos itens. Para essa análise, os juízes utilizaram uma escala do tipo Likert de 6 pontos, variando de 0 (nenhuma pertinência e/ou clareza e/ou relevância e/ou similaridade) a 5 (total pertinência ou clareza ou relevância ou similaridade). Nesse sentido, quanto maior a pontuação atribuída pelos

juízes, mais representativo e/ou claro e/ou relevante e/ou similar o item foi considerado para a avaliação do construto.

Procedimentos

Inicialmente, selecionamos os juízes para a participação no estudo por meio da análise do currículo individual de cada na Plataforma Lattes. Especificamente, utilizamos os seguintes critérios para a seleção: a) ter mestrado ou doutorado concluído; b) ser um pesquisador no campo da Psicologia; c) ter conhecimento na área de construção e adaptação de instrumentos psicológicos; d) ter conhecimento sobre o construto auto-ódio. Após a análise do currículo, convidamos os juízes via e-mail, informando sobre o objetivo do estudo e inquirindo-os sobre o interesse para a participação nessa etapa. Após aceitarem, encaminhamos ambos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e questionário para a avaliação contendo os sete itens da SHS adaptados para o contexto brasileiro.

Análise de dados

Avaliamos o nível de concordância entre os juízes por meio do cálculo do coeficiente de validade de conteúdo (CVC; Aiken, 1980). Especificamente, calculamos o CVC para cada item (CVC_i), para o conteúdo avaliado por cada juiz (CVC_j) e para a escala total (CVC_t). Em todos os casos, utilizamos valores de $CVC \geq 0,80$ como critério de bom ajuste semântico dos itens adaptados para a representação do construto de auto-ódio (i.e., validade de conteúdo).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De modo geral, todos os valores de CVC_i foram maiores ou iguais a 0,80 (Tabela 1). Com relação aos parâmetros avaliados, observamos que os valores de CVC para pertinência, clareza, relevância e similaridade foram 0,957, 0,957, 0,964 e 0,978, respectivamente.

Tabela 1

CVC dos itens (CVC_i)

Itens	CVC _i			
	Pertinência	Relevância	Clareza	Similaridade
1	1	1	1	1
2	0,9	0,9	1	1
3	1	1	0,8	0,95
4	0,9	0,8	1	0,95
5	0,9	1	1	0,95
6	1	1	0,95	1
7	1	1	1	1

Ademais, como demonstrado na Tabela 2, com relação à análise individual de cada juiz acerca da qualidade geral da versão adaptada dos itens, observamos que todos os valores de CVC_j foram maiores que 0,80. Esses resultados demonstram que todos os juízes consideraram a versão adaptada como tendo boa qualidade semântica para a representação do construto. O valor de CVC_t foi 0,964.

Tabela 2

CVC dos juízes (CVC_j)

Juiz	CVC _j
1	0,957
2	0,928
3	1,000
4	0,971

Após concluirmos essas etapas, realizamos a *back translation* (tradução reversa). Nessa etapa, solicitamos que um terceiro tradutor bilíngue retrotraduzisse os itens adaptados para o idioma de origem (inglês), de modo a observar se, de fato, os itens adaptados apresentariam similaridade semântica com os originalmente propostos para a escala. Nesse sentido, por meio da *back translation*, observamos que os itens adaptados não apresentaram nenhuma discrepância idiomática com a escala original, garantindo o controle do ajuste semântico final da escala adaptada para o contexto brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, buscamos adaptar para o contexto brasileiro a versão reduzida da *Self-Hate Scale*. Por meio de um processo de tradução e retrotradução, observamos bons indicadores semânticos da versão adaptada da medida. Especificamente, através da análise de juízes, verificamos que os itens adaptados apresentaram bons índices de concordância entre os juízes, sendo considerados como pertinentes, relevantes e claros para a avaliação do construto, assim como semelhantes aos itens propostos para a versão original da medida. Assim, por meio desse processo, verificamos que a versão adaptada para o contexto brasileiro da *Self-Hate Scale* apresenta evidências iniciais de validade de conteúdo.

A validação de conteúdo é uma etapa crucial no processo de construção e adaptação de instrumentos psicológicos, sendo um processo primário na busca por evidências de validade de construto de uma medida (Kyriazos & Stalikas, 2018). Finalmente, a partir dos resultados observados, lançamos luz para a construção de novos estudos, a exemplo da condução de procedimentos empíricos para a validação formal da medida, assim como a análise da relação entre os escores da *Self-Hate Scale* com os produzidos por meio de escalas que avaliam construtos correlatos, a exemplo de medidas de sintomatologia depressiva, de ideação suicida e de afetos negativos.

REFERÊNCIAS

AIKEN, L. R. Content validity and reliability of single items or questionnaires. *Educational and Psychological Measurement*, v. 40, n. 4, p. 955–959, 1980.

BARCACCIA, B.; HARTSTONE, J. M.; PALLINI, S. et al. Mindfulness, Social Safeness and Self-Reassurance as Protective Factors and Self-Criticism and Revenge as Risk Factors for Depression and Anxiety Symptoms in Youth. *Mindfulness*, v. 13, n. 1, p. 674–684, 2022.

JOINER JR, T. E. **Why people die by suicide**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2005.

KOTERA, Y.; MAYBURY, S.; LIU, G.; COLMAN, R.; LIEU, J.; DOSEDLOVÁ, J. Mental Well-Being of Czech University Students: Academic Motivation, Self-Compassion, and Self-Criticism. **Healthcare**, v. 10, n. 11, p. 21-35, 2022.

KYRIAZOS, T. A.; STALIKAS, A. Applied psychometrics: The steps of scale development and standardization process. **Psychology**, v. 9, n. 1, p. 2531–2560, 2018.

NAPPA, M. R.; BARTOLO, M. G.; PISTELLA, J. et al. “I Do Not Like Being Me”: the Impact of Self-hate on Increased Risky Sexual Behavior in Sexual Minority People. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 19, n.1, p. 737–750, 2022.

TURNELL, A. I.; FASSNACHT, D. B.; BATTHERHAM, P. J.; CALEAR, A. L.; KYRIOS, M. The Self-Hate Scale: Development and validation of a brief measure and its relationship to suicidal ideation. **Journal of Affective Disorders**, v. 245, n. 1, p. 779-787, 2019.